

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Estado de São Paulo

Class.: 80

Data: 07.02.73

Pg.: \_\_\_\_\_

### Paz difícil com 07.02.73 OESP índios atroaris

Do correspondente em  
MANAUS

O temor de novas chacinas e a possibilidade de demissão de alguns sertanistas podem influir nos trabalhos de pacificação dos índios atroaris-waimiris, segundo alguns observadores em Manaus. Os funcionários que se acham à disposição da Funai, na capital amazonense, estão com receio de seguir para o rio Alalau, território dos atroaris. Segundo esses funcionários, a demissão dos irmãos Villas Boas pode também influir negativamente no trabalho de atração desses indígenas.

O sertanista Gilberto Pinto afirma, no entanto, que não haverá interrupção nesse trabalho. Ele continuará realizando sua tarefa "cuidadosa e paulatinamente", pois sabe que, "não demonstrando aos indígenas qualquer ressentimento pela chacina dos três funcionários da Funai, eles continuarão também se mostrando amistosos" como fizeram nos dois encon-

tros que mantiveram com ele, após aquele incidente.

Até ontem, o Parasar não havia ainda decidido enviar os helicópteros a Manaus para fazer o resgate dos corpos dos três funcionários mortos pelos indígenas. O general Antonio Coutinho, delegado da fundação em Manaus, informou que decidirá hoje como ir ao rio Alalau para resgatar os corpos. Se os helicópteros não vierem, ele solicitará da presidência da Funai autorização para fretar um hidroavião particular.

Esse trabalho de resgate será facilitado, segundo Gilberto Pinto, pelo fato de que os atroaris costumam abandonar por muito tempo o local de uma chacina. Eles tomaram essa atitude depois de trucidarem a expedição do padre Calleri. Para o sertanista, os índios só voltarão ao posto do rio Alalau, quando sentirem que a Funai não tem mais interesse no assunto.

#### MEDO

Luis Duarte, o único sobrevivente do ataque, disse ontem que não pretende voltar à selva "até que o medo da morte desapareça". Ele deverá ficar por enquanto em Manaus, lotado na delegacia do órgão.

A mesma impressão está também existindo entre os demais funcionários que poderiam ser enviados para o posto do Alalau. Um deles, comentando a chacina, disse que ainda não decidiu se volta para lá, mas acha que vai "pedir a conta e procurar um outro serviço".

Comentando a coragem dos índios atroaris, o sertanista Gilberto Pinto diz que anda sempre armado, quando está em seu território. "Ninguém sabe a intenção do índio — afirma — porque ele não demonstra. A arma serve apenas para afastá-lo numa situação de perigo. Nunca atirar para matar. Um tiro para o ar é suficiente para afastar um ou vários atroaris".

Gilberto conta que trabalha na Funai desde os 15 anos de idade. Já tem 32 anos de experiência com os silvícolas. Durante esse tempo, ele desenvolveu uma técnica de contatção, que segundo ele, é a mais simples: ser honesto com o indígena e procurar entendê-lo da melhor maneira possível. Afirma que com isso, conseguiu impor respeito aos atroaris-waimiris, os quais o chamam hoje de "pai Gilberto".

— Não foi fácil adquirir essa confiança dos atroaris. Eles sempre foram arredios, não só por sua índole, mas sobretudo pelo fato de terem sido, durante muitos anos, enganados e espolhados pelos brancos inescrupulosos. Essa impressão que eles têm do civilizado — para o índio, todo branco é igual — nós estamos tentando tirar, fazendo com que eles acreditem naqueles que efetivamente são seus amigos.

Gilberto Pinto já conviveu com muitas tribos. Contactou os índios uaiwai, na fronteira da Guiana Inglesa. Está agora trabalhando na pacificação dos atroaris-waimiris há quase cinco anos, pois começou a ter contato com eles, depois da chacina do padre Calleri, em 68.

A orientação do sertanista é sempre demonstrar tranquilidade e confiança no indígena. "Eles são muito desconfiados e qualquer vacilação do homem branco pode ser fatal, e pode-se repetir uma chacina".